

Valéria Maria Sampaio Mello*

Tradição e Intervenção Cultural Norte-americana no Japão e no Brasil do Pós-II Guerra

RESUMO: A intenção do presente texto está em trabalhar sobre cultura. Mais especificamente, tem o propósito de analisar e ao mesmo tempo confrontar a cultura japonesa com a cultura brasileira, haja vista que, no pós-Segunda Guerra, essas nações passaram a receber influência sociocultural e educacional dos Estados Unidos da América. A análise centrou-se em algumas concepções sobre cultura que estruturam, inspiram e orientam procedimentos de várias ordens, indicando possibilidades e perspectivas para atuação do indivíduo e do grupo na sociedade. Este trabalho parte da hipótese de que a cultura dirige o rumo de toda a cadeia estrutural de uma sociedade, mesmo atuando de forma subjacente. O pós-Segunda Guerra, foi um momento em que a cultura tanto no Japão, quanto no Brasil, passou a valorizar preferencialmente os símbolos materiais, havendo uma “difusão” cultural dos Estados Unidos da América. Falar do Japão e Brasil é trazer à tona aspectos culturais distintos, principalmente anterior à guerra, contudo, nosso estudo, enfocando o recorte pós-Segunda Guerra, tentará mostrar mudanças culturais radicais ocorridas no Japão e Brasil.

Palavras-chave:
cultura, pós-
segunda
guerra,
individualismo,
educação.

O presente texto versa sobre cultura e, mais especificamente, intenciona analisar e ao mesmo tempo confrontar a cultura japonesa com a cultura brasileira, porquanto, ao mesmo tempo, no pós-Segunda Guerra, passaram a receber influência sociocultural e educacional dos Estados Unidos da América.

A análise centrou-se em algumas concepções sobre cultura que estruturam, inspiram e orientam procedimentos de várias ordens, indicando possibilidades e perspectivas para atuação do indivíduo e do grupo na sociedade. Que efeitos a cultura promove no processo educacional?

Nosso texto discute cultura, não com a noção do senso comum, que se identifica com o saber se contrapondo à ignorância, mas trabalha com a sua noção em ciência social, considerando maneiras de fazer, ser e interagir. Conceituar

cultura é tarefa complexa, já que não há um modelo cultural único. Dessa forma, nos reportamos ao conceito de cultura em sua mais ampla definição, a saber:

A noção de cultura, em ciência social, nada tem a ver com as idéias de senso comum em que a cultura se identifica com o saber, com o erudito e, até mesmo, com refinamento – e aí se contrapõe à incultura, à ignorância, à rudeza. A cultura consiste num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve (MACEDO, apud VALLE, 1988, p.35).

Assim entendido, fica evidente que a cultura de uma sociedade origina modos coletivos de comportamento social e procedimento moral à sua comunidade, de modo que estudar cultura é estudar o “eu” com o social.

O Brasil, com sua multiplicidade cultural, não aplica ou vincula essa configuração ao seu processo, a fim de compreendermos a relação entre os diferentes grupos sociais, pois a finalidade da cultura é ser objeto eficiente e de força do conhecimento.

Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (BOSI, 1992, p.07).

A discussão entre os antropólogos acerca do conceito de cultura é complexa. Contudo ficaremos com a abordagem de Marshall Sahlins (1979) em que o autor no livro *Cultura e razão prática* diz:

[...] o homem vive num mundo material, mas de acordo com um esquema significativo criado por ele próprio. Assim a cultura define a vida não através das pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico definido, que nunca é o único possível. A cultura, portanto, é que constitui a utilidade (apud LARAIA, 2003, p.116).

Em relação ao sistema de símbolos, o antropólogo contemporâneo norte-americano Leslie White diz que a mudança para o estado humano vindo do estado animal se deu quando o cérebro do homem foi capaz de criar símbolos. Diz ele:

Todo comportamento humano se origina do uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. ...O comportamento humano é o comportamento simbólico. (...) E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo (WHITE, 1955, p.180 apud LARAIA, 2003, p.55).

A cultura caracterizando-se como um sistema de símbolos e significados compreendendo categorias e princípios sobre relações e maneiras de comportamento, orienta o rumo de toda cadeia estrutural de uma sociedade, mesmo atuando de maneira subjacente. Esse processo norteador ficou evidente no pós-Segunda Guerra, quando a Força Aliada norte-americana implantou as reformas sócio-educacionais no Japão rendido e ao mesmo tempo passou a influenciar mais diretamente o Brasil.

Falar do Japão e Brasil é trazer à tona aspectos culturais distintos, principalmente anterior à guerra, contudo, nosso estudo enfocando o recorte pós-Segunda Guerra tentará mostrar mudanças culturais radicais ocorridas no Japão e Brasil.

Segundo o antropólogo brasileiro Laraia (2003), há dois tipos de mudança cultural: interna e externa. A primeira, segundo o autor, é consequência do próprio sistema cultural, e o segundo é o efeito do contato com outro sistema cultural. Podemos dizer que o Brasil experimentou o segundo modelo, enquanto o Japão passou pelos dois tipos, embora o interno seja um processo lento, esse pode ser acelerado após um fato histórico catastrófico, como a Segunda Guerra. A idéia é reforçada por Samuel Huntington¹ (2000, p.14)

[...] as sociedades também podem mudar sua cultura em resposta a grandes traumas. As desastrosas experiências na Segunda Guerra Mundial transformaram a Alemanha e o Japão, os países mais militaristas do mundo, em dois dos mais pacifistas.

¹ Samuel Huntington, presidente da Academia de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Harvard. Foi, em 1977-78, coordenador de planejamento de segurança do Conselho de Segurança Nacional na Casa Branca com o presidente Jimmy Carter.

Laraia(2000,p.98) complementa o pensamento:

Essas mudanças evidenciam a qualidade do processo dinâmico da cultura. Por outro lado, essas mesmas mudanças, mesmo às vezes pequenas, “cavam o fosso entre as gerações, que faz com que os pais não se reconheçam nos filhos” (LARAIA, 2000, p.98).

O sistema cultural, segundo o autor supracitado, é um “contínuo processo de modificação”(id.Ibid), ou seja, mostra o caráter dinâmico da cultura.

Através de diferentes perspectivas, alguns autores no Brasil contribuem para a ampliação da discussão em torno da cultura brasileira. Gilberto Freyre construiu uma representação da cultura brasileira baseada na miscigenação. Para o autor, a grande lição da miscigenação brasileira está na reconhecimento do outro como parte constituinte de si mesmo; já Fernando de Azevedo fundamentou sua interpretação da cultura brasileira através do trecho:

[...] a alma ou mentalidade coletiva [...] exprimir o que há de comum entre regiões extremamente diferenciadas, mas próximas uma das outras, pela unidade fundamental da formação de um povo, impregnado pelo catolicismo [...] e pela influência portuguesa, preponderante na interpenetração dos elementos indígena e africano (AZEVEDO, 1964, p.24).

A história cultural brasileira, para Gilberto Freyre, é o que se pode chamar de um continuísmo, ou seja, o presente sempre invadido pelo passado brasileiro, e o passado não deve ser reputado “como uma fase de vida experimentada pelo indivíduo ou pelo grupo, mas uma experiência presente no inconsciente do indivíduo ou do grupo, e, como tal, uma influência modificadora do seu comportamento, modificadora de sua própria projeção para o futuro” (FREYRE, 1959, p.XXV). Assim, vemos que, para o autor a experiência é decisiva em seu processo de elaboração cultural.

A questão cultural no Brasil, além de conter as duas dimensões assinaladas – da multiplicidade e da invasão, do presente e passado – ainda conta com o desafio permanente de sua inserção no imenso espaço do seu território, o qual desafia qualquer nação de unidade cultural.

A civilização de um povo pode ser mensurada pelo exercício e prática do crescimento ou “progresso” cultural atingido por ela. O autor faz relação do termo civilização com a qualidade de um povo em exercer a harmonia e estabilidade emocional.

Já Azevedo (1964, p.37), através de uma citação restrita, diz que cultura é “esse estado moral, intelectual e artístico [...] compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes”.

O panorama pós-II Guerra, para os japoneses, apresentou um momento imaginário e ao mesmo tempo real, no limiar de um passado, que se encerrava com a rendição nipônica e a ocupação norte-americana, e um presente – 1945, que configurava um futuro indefinido; passado esse de memória coletivamente construída, disputada e perpetuada através de sua história nacional de cultura milenar mas que, ao mesmo tempo, representava o velho e que os norte-americanos queriam que fosse esquecido, pois continuar com essa cultura forte poderia significar resistência e revolta para o novo modelo que se configurava.

O pós-Segunda Guerra foi uma fase em que a cultura, tanto no Japão, quanto no Brasil, passou a valorizar preferencialmente os símbolos materiais, havendo uma difusão² cultural dos Estados Unidos da América. O Japão passou, de maneira veloz, de uma nação de agricultores para uma vida de *nouveaux riches*, de riqueza e de crescimento; havendo um impacto na tradição, que modificou a ênfase no espiritualismo para o crescente materialismo, característica dos processos sociais inseridos nas sociedades industriais ocidentais, em especial, no correr do século XX.

O Brasil pós-Guerra não difere muito do Japão em termos de expansão no âmbito internacional. Mesmo estando do mesmo lado, aliado norte-americano, sua posição foi sempre de sacrifícios no panorama mundial. Muniu, os ianques, de borracha, minérios e soldados para combater na Itália.

A construção da usina siderúrgica de Volta Redonda aconteceu como condição imposta ao presidente Rossevelt em troca de apoio brasileiro aos norte-americanos, mas, depois da guerra, com a potência hegemônica mundial norte-americana, a situação no Brasil, apesar de aliado, não foi das melhores.

No plano mundial, o Brasil não tem expressão própria como potência, paga um alto preço pelos compromissos internacionais que assume [...] Na conjuntura de pré-guerra, a existência de múltiplas potências competitivas permitia ao Brasil obter algumas

² Termo empregado pela Antropologia para evidenciar empréstimos culturais ou um processo cultural copiado de outros sistemas culturais.

vantagens mediante uma política lucidamente nacionalista [...] mas quando veio a paz não foi ouvido e foi menos atendido que os antigos inimigos (RIBEIRO, 1983, p.113).

O objetivo de alta prioridade para o Japão do pós-Guerra era atingir o conforto alcançado pela sociedade de consumo americana. Com a rendição e a ocupação aliada subsequente, comandada pelas forças dos EUA, a Nação inteira começou a não apenas sonhar “o sonho americano”, mas a aspirar também a aparelhos domésticos e a copiar o estilo de vida e a cultura que via em filmes importados e programas de televisão.

Antes da derrota da Segunda Guerra, os livros japoneses tinham um forte teor militarista e nacionalista, pois todos eles eram compilados pelo Estado. O Japão, em virtude do seu apego às tradições, desenvolveu e orientou, graças à contribuição da escola, uma educação de uniformidade, não sujeita a mudanças, como se as mentes fossem todas modeladas nas mesmas fôrmas.

A Reforma Educacional, área escolhida e prioritária dos norte-americanos para iniciar as mudanças no Japão, tinha como preocupação a transformar o regime militarista e nacionalista em o democrático, nos moldes ocidentais, no contexto da Guerra Fria.

Depois da guerra, com a ocupação que sofreu o Japão durante mais de vinte anos, a potência estadunidense impôs o esquema de organização do sistema educativo norte-americano. Tal modelo educacional, foi baseado em preceitos escolanovistas, que já teve uma breve presença no Japão nos anos 20, bem como em outros países, incluindo o Brasil. Esse sistema foi adotado pelo Japão, eliminando a estrutura que vinha desde a época feudal (a sociedade feudal tinha como base a economia natural, centrada na agricultura)(COUTO, 2000, p.03)³.

A “Escola nova” tinha como filosofia a forte prevalência dos interesses sociais sobre os pessoais e sua metodologia era ativista, defendendo a liberdade e os direitos da criança. Segundo Lourenço Filho, Escola Nova não significa um só tipo de escola, ou um determinado sistema didático, mas sim um grupo de proposições que objetivava rever o ensino tradicional. E foi através desses preceitos educacionais e a visita, ao Japão, de duas missões compostas de educadores norte-americanos, que os Aliados iniciaram a reforma educacional japonesa no após-guerra.

Os Aliados norte-americanos instituíram no Japão seu sistema educacional descentralizado, baseados em suas estruturas educacionais e no ideário democrático.

³ COUTO, Maria João. www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/artigos/ao101.htm_06/08/2000.

[...] que favoreciam o desenvolvimento das atividades educacionais, livres da interferência de um controle centralizado. Conseqüentemente, a educação no Brasil dependeu sempre das decisões do Governo Central. [...] A Constituição democrática de 1946 tinha estabelecido um sistema suplementar nacional de Educação. Entretanto, declarava que somente o governo federal podia legislar sobre as diretrizes e bases da educação brasileira (REGO, 1974, p.113-114).

Quando se fala em educação no Brasil, não se pode deixar de fazer uma vinculação com cultura e sociedade, pois a grande complexidade de mudança na educação decorre, em grande parte, dessa relação com a sociedade. Teixeira, em relação à Educação e à Sociedade, diz:

Quando, pois, surgem idéias de reforma, tais idéias revelam estados de mudança na sociedade e a inadequação do sistema escolar às novas condições já existentes ou em estado de emergência [...] qualquer modificação só poderá ser para atender a necessidades novas, que determinarão porque e como devem ser feitas as modificações (TEIXEIRA, 1976, p.285-286).

No Ceará, essa influência estadunidense chegou principalmente pelo cinema e os incentivos em relação ao Brasil, por parte dos aliados norte-americanos, eram para que o País aparecesse e começasse a atuar como consumidor de produtos importados dos Estados Unidos. Dessa forma, o Governo brasileiro, em decorrência das pressões dos americanos, internamente de seus importadores, liberou a entrada no País de produtos estrangeiros, muitos dos quais supérfluos. “Em curto espaço de tempo as divisas que havíamos conseguido acumular durante os anos da Segunda Guerra Mundial foram gastas com comidas, chicletes, automóveis, casacos de peles, eletrodomésticos, cigarros, comida para cachorro etc” (BARROS, 1999, p.27). Portanto, o clima pós-Guerra, tanto no Japão quanto no Brasil, apesar de o primeiro ter sofrido a derrota, e o segundo apresentar-se como aliado dos norte-americanos, foi de intensa influência cultural e dependência econômica. A imposição e a ação externa norte-americana vêm provocando pressões diversas e resultando em lesões fortes nos aspectos sociais, tanto no Japão como em nosso país.

Os aliados norte-americanos, principalmente no Japão, ocuparam-no, trazendo seus diferentes valores, uma outra cultura e costumes adversos. A influência

dos norte-americanos tem sido ativa, chegando a mudar aspectos lingüísticos e culturais fundados na tradição cultural daquele país.

No Ceará, como parte da política cultural da época, “eram incentivadas visitas de intelectuais estrangeiros, como a de Lucien Fevre ao Ceará, no intuito de proferir conferência no Palácio do Comércio” (“O Povo”, 06/10/1949, p.01). O Ceará recebeu, também, para o Seminário de Educadores, a fim de proferir uma série de palestras relativas a assuntos educacionais, o professor Robert King-Hall, da Columbia University de New York, apresentado como dotado de uma larga experiência durante e após a Segunda Guerra, quando teve o encargo de substituir Isaac Kandel, também da Universidade de Columbia, na área de educação comparada, na missão educacional norte-americana, durante o processo de reforma educacional empreendido no Japão ocupado. Foi solicitado a falar, dentre outras coisas, sobre o atualíssimo problema da descentralização e da centralização em educação. Fernando Tude de Souza noticia a chegada do Professor Hall: “Tomou ele parte na reorganização do sistema educacional do Japão e poderá dizer o que se faz para a redemocratização de um país pela educação” (“Correio do Ceará”, 17/06/1949, p.02).

O povo japonês, antes da Segunda Guerra, recebia uma cultura puramente oriental, tradicionalista, nacionalista e militarista, e com uma sólida bagagem espiritual. Após a guerra, o Japão mudou radicalmente sua cultura, iniciando um certo distanciamento entre as gerações. Enquanto a geração mais velha tentava restabelecer-se dos traumas deixados pela guerra através das doutrinas religiosas, que foram logo proibidas pelos norte-americanos, a geração mais nova era seduzida pelo “american way of life”.

⁴ Doutrina moral cujos principais representantes são os ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), e que põe como fundamento das ações humanas a busca egoística do prazer individual, do que deverá resultar maior felicidade para maior número de pessoas, pois se admite a possibilidade dum equilíbrio racional entre os interesses individuais.

O individualismo está na essência da cultura dos Estados Unidos da América, assim como tem relação direta com a identidade mais profunda de seus cidadãos. Há individualismos de todos os tipos, dentre eles, bíblico, cívico e utilitarista⁴. O que o professor ou o sistema norte-americano enfatiza é que cada ser é uma pessoa, um indivíduo separado do todo; o individualismo português, ibérico, é aquele que se alça por cima da sociedade e tem uma atuação qualquer individualmente interessante, mas em nada se relaciona com a sociedade, porque, se temos uma visão de mundo em que um indivíduo vale mais do que o conjunto, só se pode respeitar a ditadura. Já o sistema japonês diz que cada indivíduo somente existe na coletividade, ou seja, que o indivíduo vale somente se está integrado à sociedade e se colabora e coopera com ela.

Embora em sua maior parte as culturas mundiais sejam coletivas, a civilização japonesa também teve, curiosamente, uma tendência individualista, mas não

um individualismo nascido do liberalismo e sim propagado pelo socialismo, em que as forças sobrenaturais ou sociais podem ser planejadas pelo indivíduo. “O individualismo, nascido do liberalismo, procede dum culto excessivo da diferença que separa as pessoas. [...] O nascido do socialismo aspira à formação do homem pela intensificação da comunhão social mais do que pelo fanatismo da diferença” (LALOU, 1966, p.58).

Os chineses, assim como os japoneses, apostam na transformação do espírito humano, que, uma vez transformado, mudará a sociedade. Para os japoneses, a cultura está acima da civilização. A cultura oriental contempla o homem, principalmente por sua qualidade espiritual. “Estar-em no mundo significa estar ligado à vida e ao desenvolvimento de mim mesmo e de outros seres” (FROMM). Essa qualidade encontrou sua expressão clássica no pensamento budista. Buda quando via o outro na condição de doente ou velho, não ficava na posição de observador distante, entrava em processo de reflexão e sua preocupação era ajudar esse homem. Passando de simples observador para participante, começamos a compreender o outro e não a interpretar ou julgar. Os japoneses vinham de uma cultura fechada, tradicional, de valores consistentes, e estavam para iniciar, através dos aliados norte-americanos, um contato direto com os valores de uma outra sociedade, que os obrigaria a uma aculturação radical. A respeito disso, Foster assegura que “quanto maior o âmbito de novidade a que o povo é exposto, maior a probabilidade de que adote novas formas” (1962, p.33).

Quando o Japão começou a olhar para trás, para a tradição que se ia distanciando, percebeu o quanto já foi percorrido e modificado como ideologia do indivíduo.

Quando o Japão iniciou sua caminhada rumo à riqueza, não podia imaginar o que iria encontrar pela frente, muito menos o que deixaria para trás. Não havia tempo para questionamentos, tampouco para reflexões, até porque a dualidade antigo *versus* novo, ultrapassado *versus* moderno, corpo *versus* alma, qualquer que fosse a dualidade, o impulsionaria rumo à ocidentalização, pois iniciava-se um caminho sem volta. De um lado, liberdade e igualdade; do outro, interdependência e hierarquia. O Japão não conhecia a palavra democracia.

Tomando o caminho mais curto e aparentemente mais fácil, os Estados Unidos, dadas as circunstâncias, foram eleitos para conduzir o barco rumo à democracia sem precedentes.

Segundo o autor há pouco citado, essas diferenças de valores têm relação com a cultura japonesa, pois existe tradição confucionista⁵ há mil anos.

⁵ Confucionismo é o termo usado para designar a doutrina filosófica, religiosa e sóciopolítica fundada na China por Kung-fu-tsé (Confúcio) 551-479 aC, e que pode ser considerado um ramo do taoísmo. Enfatizava a prática do respeito familiar, do respeito ao governo, da justiça e do altruísmo. Respeito aos mais velhos, dedicação ao trabalho e severa moral são as principais idéias confucionistas.

O confucionismo não é unicamente uma religião, é uma ética social muito forte, para além das religiões; podemos dizer que é fundante da cultura. O confucionismo tem pontos básicos, por exemplo, o da humildade, que, diferentemente do Brasil, é um fato fundamental na sociedade japonesa, porque se tem que estar sempre aprendendo, e, quanto mais se sabe, mais foi recebido da sociedade, e mais humilde deve-se ser. Esse é o aprendizado que desde a infância lhes era incutido. A valorização da humildade é fundamental na formação cultural, isso até hoje.

O grupo ou a sociedade é mais importante do que cada indivíduo. A escola, as empresas e as famílias compartilham a mesma tendência e filosofia sobre a importância do grupo.

A comunidade ainda parece ser a melhor protetora do indivíduo. Como diz Jeantet (1986, p.20), “a comunidade evita que ele se encerre no seu egoísmo, abre-lhe caminho do pleno desempenho coletivo”.

O que também representa de mais importante para os japoneses além da Religião ou Filosofia é uma moralidade bastante humana. A educação para a paz é algo intrínseco à educação intercultural, porque esta tem que abarcar também a formação educativa para a paz.

No Japão, a educação é gratuita e obrigatória para todas as crianças entre as idades de seis e quinze anos. A administração do sistema educacional do Japão é descentralizada e o papel do Ministério de Educação é, em geral, o de coordenador (MONBUSHO, 1980).

Há um espírito de paz proposto a partir do Governo desde há alguns anos, principalmente, desde a Segunda Guerra Mundial, pelo desarmamento e a não-proliferação das armas nucleares. Isto implica criar socialmente uma cultura, uma educação que preserve os direitos humanos e a pacificação entre os povos e uma grande preocupação com o meio ambiente.

Para os orientais, o pensamento deve ter lugar no tempo mas que a visão pode transcendê-lo.

Quando se estuda, através de suas culturas, o Japão e o Brasil, emerge o diferencial dos sentimentos que se opõem. O Japão, ao mesmo tempo, com o apego às tradições e a ânsia de inventar o futuro, mostra que não são sentimentos incompatíveis de convivência, pelo contrário, os japoneses têm a capacidade de harmonizar os opostos e, segundo a reportagem do jornalista

correspondente da Folha de São Paulo em Tóquio, “os japoneses estabelecem uma sabedoria para conviver com os contrários, de transformar dois mundos diferentes em um só (e, importante, sem que cada um deles dissolva as suas diferenças no outro)” (SUZUKI JR., 1989, p.01)⁶.

O Japão não tinha outra opção que não fosse a rendição e a aceitação das reformas que estavam por vir da parte dos norte-americanos; contudo, pela maneira tranqüila, conformada e até mesmo redimida, depois que se faz um percurso no trajeto que mostra os aspectos da vida coletiva japonesa, percebe-se que esta se deu pela estrutura e dinâmica cultural vivida por eles até a II Guerra.

Neste mundo espiritual, não existem divisões do tempo, como o passado, o presente e o futuro; pois tais divisões contraíram-se num único momento do presente, onde a vida palpita em seu verdadeiro sentido. (...) Passado e futuro são trazidos até esse momento presente de iluminação e esse momento presente não é algo que permanece parado com tudo aquilo que contém, pois, incessantemente, ele se move (D.T.SUZUKI, erudito budista de nossos dias).

Para os orientais, o pensamento deve ter lugar no tempo, mas a visão pode transcendê-lo. Com a derrota japonesa, houve uma ruptura de conceitos, valores e até os anseios foram outros. Uma cultura milenar, construída em bases concretas, consciente, foi absorvida por uma nova era que encantava os olhos, a chamada Democracia, o estilo de vida dos aliados e o consumismo.

O Japão e seus indivíduos agora estão sendo devastados por outro tipo de bomba, e esses destroços apenas lenta e dificilmente podem ser reconstruídos. Esqueceram um passado para ir em busca de um futuro promissor que chegou e seus habitantes acharam estar preparados. Hoje, olhar para trás, apegar-se aos vestígios do passado, é estar fora do contexto, é remar contra. Gilles Lipovetsky, em seu livro *A Era do Vazio*, diz que *aniquilar os vestígios é como devastar a natureza*.

Com o que o homem japonês de hoje pode contar? Com a nostalgia do Pós-Guerra? A comunicação presente-passado não fala mais a mesma língua.

O cotejo conceitual entre *individualismo* e *cultura* representa uma digressão necessária, para que se alcance maior amplitude em termos de compreensão acerca do processo ocorrido no Japão pós-Guerra. Analisar a história da

⁶SUZUKI JR., Matinas. <http://marieclaire.globo.com/dic/ed114/rep.queixa.htm.12/10/89>, p.1/3.

educação japonesa é trabalhar, antes de tudo, com cultura e mergulhar nos contextos em que ocorreram as transformações aqui referidas, a fim de se conquistar experiências, trazendo ao presente maiores explicações e melhor compreensão do processo como um todo.

Os estudiosos, principalmente os cientistas sociais e antropólogos, tenderam sempre a se debruçar sobre a “cultura”, a fim de buscar explicações, tanto para a modernização, quanto para a democratização política, com a finalidade de examinar até que ponto a cultura determina o êxito de uma sociedade. Parece ter chegado o tempo de se levar essa preocupação para o campo da história educacional comparada.

Diante de algumas pistas evidenciadas pelo presente ensaio, podemos inferir que as reformas ditadas pelos norte-americanos aos japoneses rendidos foram implantadas, paradoxalmente, com sucesso em razão da carga cultural milenar nipônica. Será ainda necessário investigar o que sucedeu no Brasil, diante de um projeto de interpretação cultural similar que esbarrou numa cultura perpassada por um sincretismo complexo, que a fez escorregadia e múltipla.

Key Words: culture, post-world war II, individualism, education.

ABSTRACT: The intention of this present text is to work on culture. More specifically, with the purpose to analyze and at the same time to confront Japanese and Brazilian culture, knowing that on the post-world war II both of these countries were receiving social-cultural and educational influences of United States of America. The analysis was focused on some culture conceptions that structures, inspires and orients procedures of various kinds, indicating possibilities and perspectives for individual and group performance in society. This work starts from the theory that the culture guides the course of all structure chain of a society even performing on a subjacent way. The post-world war II, was a moment that the culture in Japan as well as in Brazil started valuing preferentially material symbols, occurring a culture diffusion of United States of America. Talk about Japan and Brazil is to bring up distinct culture aspects, essentially before the war, however, our study focusing the post-world war II piece will try to show radical culture changes that took place in Japan and Brazil.

Bibliografia

AZEVEDO, F. 1961. *A Educação entre dois mundos*. São Paulo: Melhoramentos.

BARROS, E. L. de. 1999. *O Brasil de 1945 a 1964*, São Paulo: Contexto. 78p.

BOSI, A. (Org.). 1992. *Cultura Brasileira. Temas e situações*. 2 ed. São Paulo: Ática, 224p.

COUTO, M. João. www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/artigos/ao101.htm.
06/08/2000

FOSTER, G. M. 1962. *As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia*.
São Paulo: Editora Fundo de Cultura., 249p.

FREYRE, G. 1959. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio.

FROMM, E. 1979. *Meu encontro com Marx e Freud*. 7 ed. Rio de Janeiro:
Zahar editores, 170p.

JEANTET, T. 1986. *O Indivíduo Coletivo*. São Paulo: Vértice.

JORNAL: **Correio do Ceará**: 1945 - 1947 – 1949

JORNAL: *O Povo*: 1945 – 1947 – 1949 – 1950

LALOUP, J.; NÉLIS, J. 1966. *Cultura e civilização*. São Paulo: editora
HERDER, 239p.

LARAIA, R. de B. 2000. *Cultura – Um conceito antropológico*. 13 ed. Rio de
Janeiro: Zahar editor, 116p.

_____. 2003 _____. 16^a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 117p.

MELLO, V. M. S. *Rompendo limites do tempo: História Oral como caminho de
investigação da história educacional japonesa*. In: CAVALCANTE, M. Juraci
M (Org.). 2002. *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa
Universitária (UFC), p.165-171.

MONBUSHO – *Japan's Modern Education System: A History of the First
Hundred Years*. Tokyo, Research of Statistics Division, Govern. of Japan.1980.

REGO, G. B. do. 1974. *Brasil e Estados Unidos. Balanço Histórico do Ensino
Superior sob uma perspectiva comparada*. Recife: Universitária, 133p.

RIBEIRO, D. 1983. *Os Brasileiros – Livro I – Teoria do Brasil*, 7 ed. Petrópolis:
Vozes. 177p.

SALVADOR, Â. D. 1971. *Cultura e educação brasileiras*. 2^a. Ed. Rio de
Janeiro: VOZES, 257p.

SUZUKI JR., M. 2002. Disponível em:<http://marieclaire.globo.com/edic/ed114/rep.queixa.htm>.12/10/89>. Acesso em 09 maio. p.1/3.

TEIXEIRA, A. 1976. *Educação no Brasil*. 2 ed., SP: Ed. Nacional, 385p.

TOCQUEVILLE, A. C. H. M. C. de. 1969. *Democracia na América*. Edição condensada para o leitor moderno por Richard D. Heffner, tradução de João Miguel Pinto de Albuquerque. SP: Ed. Nacional, 364p.

VALLE, E.; QUEIROZ, J J. (Org.). 1988. *A Cultura do Povo*. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 144p.